

Um senhor que  
vai casar rico

Dialogo

de

Ladislau Patricio

Escola Superior de Teatro e Cinema



## Personagens:

Maria Celeste  
José Villares  
Pedro Umevia  
Capitão Roque

Maria Celeste  
Carlos  
O'Chauffeur  
A pequena Berta

A residência de Maria Celeste - professora de piano - é um modesto albergue de aluguer que tem ao de apromentado el uma sala estreita com janela para um jardim... Maria Celeste é orfã de pai e mãe, não tem irmãos nem parentes chegados, e vive apenas do seu fatigante trabalho. Tente simplesmente; pode dizer-se, merco, negligentemente... Na altura em que vai começar este curto episódio - por um occaso de novecentos - a professora está preparada para sair. Envergava um traje escuro, de cor casta, género tailleur; na cabeça uma pequena feltro com de pinhão, velho, de perecido, quasi obsoleto; nas mãos, luvas de pelica bastante usadas, com as pontas dos dedos já alvir; nos pés, sapatos pretos de salto a' inglesa levemente caudados... Sendo devida a privações, desgostos, necessidades. Vinte e cinco annos? Trinta? Noventa? Mais?... Difficillimo! Imaginemos que tem trinta... Tipo vulgarissimo: nem feia nem bonita. Os seus olhos abrem parecem uma excepção: grandes, luminosos, inteligentes, profundos e, para a tarde, cheios de vivacidade, - a que mãe deve se estranha talvez, uma pontinha de febre pulmonar... A fronte é direita, espaçosa e lisa, com um sulco apenas, vertical, sobre o nariz, entre as duas sobrancelhas; inclinando o organho, independência, firmeza de vontade; caracter. Toda a janela da sala entra a fraca luz do dia envidrado. O piano antigo, aberto a um dos cantos, parece correr tristemente com os seus dentes de marfim amarelados pelo tempo... Maria Celeste dá os ultimos retoques no vestuário, antes de sair, - no chapim, nos cabelos rebeldes... quando bateu a porta. Sobressaltou-se ligeiramente, e não ver

que eu é. Um pouco mais novo, elegantemente vestido, aquarto,  
sorrindo, me parou. É o meu primo Carlos Lapulveda, seu  
cunhado.

Carlos!

Maria Celeste, reparando surpreendida

Carlos

Maria Celeste...

(Entra, e fecha a porta.)

Está aqui ainda!

Maria Celeste

Carlos

Já me não esperavas?...

Maria Celeste

Confesso...

Carlos, reparando nela

Vejo queias sair...

Maria Celeste

Não importa. Penta-te... Penta tempo.

Carlos  
Fas dar as tuas lições de piano...

Maria Celeste  
Sim, naturalmente...

Carlos  
Voubo estar-te, portanto...

Maria Celeste  
Porquê?... As minhas discípulas esperam...

Carlos, *poisando o chapéu e a bengala sobre uma cadeira*  
Quis tomar a ver-te antes de partir; no momento mes-  
mo de partir, Maria Celeste...

Maria Celeste, *firmemente*  
Obrigada.

Carlos  
Ver-te e afirmar-te mais uma vez o meu reco-  
nhecimento por tudo; a mágoa que teivo - a sau-  
dade já - de te deixar (*ela sorri subtilmente*); e ain-  
da o desejo intenso de que as nossas relações não  
espiem, não acabem para sempre, - apesar  
do que vai acontecer...

Maria Celeste  
As novas relações!?

Carlos, *um pouco desconcertado*  
Ficaremos amigos como dautes...

Maria Celeste  
Ah!

Carlos

Virei aqui visitar-te quando pudér... sempre que pudér, se me deixares...

Maria Celeste

Não, Carlos, não!... Se é isso que pretendes, perde as esperanças! Tu vais partir... Vamos separar-nos hoje por toda a vida. Se alguma vez, casualmente, nos encontrarmos, não serás o mesmo homem... nem eu a mesma mulher. Não nos conhecemos.

Carlos

Estás a brincar...

Maria Celeste

Afirmo-to.

Carlos

Terás essa coragem?

Maria Celeste

Le terei essa coragem!...

Carlos

Não me convenes que te omatechas por muito tempo em tal disposição...

Maria Celeste

O futuro te responderá...

*(Faz-se um grande silencio entre os dois, durante o qual ficam absortos sem se olharem.)*

Carlos

Maria Celeste: que razões de queixa tens tu contra mim?

51  
Maria Celeste  
Razões de queixa?! Contra ti?!... Nenhuma!

Carlos  
Sabes bem como tudo se passou...

Maria Celeste  
Foi.

Carlos  
Não ignoravas que um dia eu teria de me casar...

Maria Celeste  
Não ignorava.

Carlos  
Fiz a fraqueza, a lialdade de te confes-  
sar muito antes de me pertenceseres...

Maria Celeste  
Fizeste.

Carlos  
Tentei até por vários meios evitar a tua fal-  
ta. Lembra-te que foste minha por tua  
livre e espontânea vontade.

Maria Celeste  
Lembro, lembro...

Carlos  
Foi um acto consciente, premeditado...

Pois foi. Maria Celeste

Carlos  
Não representou o ego impulso dum momento de paixão que se ateu com a mira numa conquista. - Não é verdade?

2. Maria Celeste

Carlos  
Lá tu foste, nesse caso, responsável. Foste tu que assim o quizesse...

Maria Celeste, *com uma coragem avulsa gelica*  
Fui eu que assim o quis.

Carlos  
Pois bem; e agora, quando deitava conti-  
nuar a ser para ti um amigo, um protector...  
alguem...

Maria Celeste, *com ironia*  
Alguem!...

Carlos  
Repeles-me, afastas-me quasi com aver-  
são e para sempre!... como se eu fosse o ini-  
co causador da tua desgraça, o homem que  
tollhe o futuro, - um inimigo, afinal!

Carlos!  
Maria Celeste

47  
Carlos  
L'assiu! L'assiu!

(Maria Celeste, cala-se, succumbida.  
Os olhos arrastam-se áhe de lágrimas.  
Ele põe-se a passear na sala, numma  
nervosa hostilidade, resumangando  
cezuraras...)

Maria Celeste, dominando a emoção

Não quero que me consideres umma dopeitada...  
Justifico a tua cólera, as palavras severas que me  
diriges... tudo, enfim, porque te entendo e porque  
te compreendo! Não sou moralmente umma  
mulher vulgar: dei-me, por isso, e ceei umma amor  
verdadeiro, livre, sem condições. É certo que me  
acousestaste, que me previuiste a tempo, mas...  
só quem não ama não sabe interpretar ceusestos e  
ouvir razões... e quantas vezes sózinha, no  
isolamento do meu quarto, calculei a profun-  
didade do abismo em que cairia se me dei-  
cesse levar pelo coração. Sobre de mim! Mil  
vezes deliberei não te receber, mil vez não te  
fatar mais... nunca mais! Mas apenas subias  
aqueles escadas e ouvia o ruído dos Teus pas-  
sos... o meu juízo perturbava-se, as minhas  
mãos arrepiavam, a minha alma, a minha  
vida inteira fugiam logo para Ti! Pensava:  
é o Destino... (Faz umma pequena pausa como quem  
se concentra numma recordação dolorosa.) Uma tarde,  
umma noite, sabes bem o que se passou... Fui  
tua! Sabia que essa situação não podia durar  
sempre, que tudo acabaria depressa... que  
havias de te casar. Tu dicesseas-mo... Cúbola!  
O que me previuiste a Ti, sobretudo, foi essa mes-  
ma instabilidade; umma misto de culpação e



indiferença que por mim professavas; os me-  
lindres da tua consciência, na previsão do que  
poderia resultar sem a certeza de lhe dares  
remédio... Pudo isso me Tentar, me sedu-  
zir como uma coisa terrível que se tenta -  
e que irresistivelmente nos atrai...

Carlos, *caudado*  
Sobre Maria Celeste! Fui o teu homem fatal!...

Maria Celeste  
Foste o único amor de toda a minha vida!

Carlos, *depois de ter reflectido profunda-  
mente durante o casamento*  
Ouve, Maria Celeste... Já não é a primeira vez  
que penso nisso que te não dizer... Ouve, atende  
bem... Pesa as minhas palavras, peço-te.

Maria Celeste  
Dize.

Carlos  
Se eu desistisse de casar?...

Maria Celeste  
Oh!!

Carlos  
Estou ainda a tempo de emendar um erro...  
Pudo depende de ti...

Maria Celeste, *fazendo-me a Lira com as mãos*  
Cafa-te! Não digas heresias... Ocupa-te da tua  
pátrua. Vai! Peço uma noiva que te espera...

Carlos

Vem a noiva, sim... Mas não lhe devo o que te devo a Ti!

Quê?!...

Maria Celeste, *fazendo-se desentendida*

Agora!

Carlos

Oh! Não sejas ridículo... Não sejas poucântico... Já se não usa...

Carlos

Se te eu dissesse para casares comigo, Maria Celeste, tu... não aceitarias?

Maria Celeste  
E para sempre.

Carlos

E' assombroso! Mas porquê?

Maria Celeste

Porquê?... O facto de te ter pertencido, Carlos, nas circunstâncias específicas em que isso aconteceu, poderia autorisar-te a considerares-me uma mulher frágil... ou mesmo leviana...; mas nunca uma mulher capaz de se servir de seu próprio expediente para conquistar o direito de ser tua esposa...

Carlos  
Respeito os teus escrúpulos, não os discutindo...

Maria Celeste  
Nem tu imaginas como te agradeço!

Carlos  
Podias ter sido feliz com outro homem,  
Maria Celeste...

Maria Celeste  
Não o podia ser com mais ninguém!

Carlos  
Sacrifício inútil!

Maria Celeste  
Não há sacrifícios inúteis neste mundo, meu  
amigo... De resto, aonde é que tu vês o sa-  
crifício?... Aonde?

Carlos  
Estou cheio de remorsos!

Maria Celeste  
Que ingenuidade!...

Carlos  
Prevenir-me que te deixo... que ficas so'!

Maria Celeste  
Paciência... A solidão, nestas condições, é um  
tribunho para a alma... C'osfêmis a que ela obru-  
ga, longe de nos abater, reanima-nos, - por que  
o silêncio é a visita de Deus!... É Deus, se é li-

11  
cito invoca-lo uma peccadora como eu, na  
sua infinita bondade há de perdoar a mi-  
nha fraquesa... dizem que está mais proxi-  
mo de Ele, o peccado humilde do que a  
virtude orgulhosa...

Carlos

Nunca mais poderei entrar pôr aqui os  
pés nesta casa?

Maria Celeste, *firmemente*

Nunca mais!

Carlos

Nem que um dia precise de ti?

Maria Celeste

Nem que um dia precises de mim...

Carlos

E' o fim de tudo, visto isso?

Maria Celeste, *umita calma*

De tudo.

Carlos, *um ultimo apêto de desesperação*

Não, Maria Celeste, não é! Renuncia a esses pro-  
pósitos... eu não posso, não quero deixar-te!  
Amo-te, Maria Celeste, amo-te, acredita...  
(*Maria Celeste sorri.*) Duvidas?

Maria Celeste

Duvidas.

Juro-to! Carlos

Maria Celeste  
Não jures... O que tu sentes é, talvez, pênua  
de rim... Não me ofendes com isto...

Ok!... Maria Celeste!

(Ateu a porta. Ela faz-lhe sinal para  
ele se calar, e vai alvir.)

Chaufeur  
Faz favor de me dizer se foi para aqui que en-  
trou esse freqüês que eu trouxe no meu carro?...  
(Descobriu o Carlos.) É aquela sentar...

Carlos  
Sou. Dá-me precisa?

O Chaufeur  
Não me disse que queria apautar o cou-  
bois?...

Carlos  
Disse.

O Chaufeur  
Pois já não temos sentas vinte minutos... Não  
há tempo a perder...

Carlos  
Esta' bem.

(O Chaufeur retira-se.)

13  
Maria Celeste, pegando no chapéu e  
na bengala de Carlos e entregando-lhos  
Precisas de partir... Perder o comboio é  
sempre desagradável...

Carlos, desapantado, em face daquela re-  
sistência inercial  
Heu. Não ha que lutar, contigo!... Ficare-  
mos os dois despedidos para sempre, não é as-  
sim? Como se a morte nos separasse!

Maria Celeste  
Dizes heu. Como se a morte nos separas-  
se! A nossa conversa de hoje é já um des-  
ses diálogos líquidos que se entretêm com  
os mortos quehidos, nos cemitérios, sobre a  
Terra humida das campas... A tua voz é uma  
voz de além-túmulo: ouço-a mas não teuo  
nenhuma significação real... - Adeus!

(Carlos faz omueço ainda de a beijar, o  
que éta evita delicadamente. Depois...  
sem insistir mais, sem dizer palavra, -  
parte!)

A pequena Berta, quasi logo a seguir, asso-  
mando a parte com um estorno de nuéncias de-  
baixo do braço

Da Licença?...

(É uma discipula: rapariguinha dos seus  
15 annos, tipo de logia, muito viva.)

Maria Celeste, como se a despedissem  
Ah! É a pequena Berta!... Como se lembrou  
de vir cá?...

A pequena Berta

A mamã não quis que eu perdesse a lição de piano... Como estou ainda bastante atrasada e a senhora professora hoje não apareceu, vieta saber se posso dar a lição em sua casa...

Maria Celeste

Pode.

A pequena Berta

Ainda bem. Esteve docente?

Maria Celeste

Não. Fivê uma visita, com que não cantava.

A pequena Berta

Uma visita... Faria aquele senhor que eu encontrei na exacta reunião a pressado? Faria?

Maria Celeste

Devia ser.

A pequena Berta

Pareceu-me tão simpático... É seu irmão?..

Maria Celeste

Não é. Não tem irmãos...

A pequena Berta, *com pouco euforica, sorrindo*

Seu noivo, talvez?...

T.P.

Maria Celeste,  
Meu noivo tambem não...

A pequena Berta  
Nós, ~~aparentes~~, somos tão curiosas, não é ver-  
dade? Queremos saber tudo... Desculpe...

Maria Celeste, *com indulgência*  
Não faz mal. É simples... Aquele senhor que  
a encontrou, ao subir, encontrou na escada  
muito apressado... é um senhor que vai ca-  
sar-se...

Ah!  
A pequena Berta

Maria Celeste  
Agora vamos à lição...

E.P.

(A discipula senta-se ao piano; coloca o  
caderno das músicas sobre a estante, e  
põe-se a executar atropadamente um  
exercício de principiante - longo, enfado-  
nho e monótono...)

lá o piano